



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

PLASTICIDADE DAS ESTRUTURAS PSÍQUICAS E DASEINSPSICANÁLISE¹

MANUEL MOREIRA DA SILVA²

RESUMO: Este trabalho esboça os traços gerais da assim chamada Daseinspsicanálise e da plasticidade das estruturas psíquicas. Para isso, apresenta inicialmente os conceitos de plasticidade das estruturas psíquicas e de Daseinspsicanálise em seus elementos essenciais; bem como as noções de entendimento daseinsanalítico do ser humano e de experiência empiricamente construtora. Enfim, mostra as linhas gerais da Daseinspsicanálise como tratamento modificador de estruturas psíquicas e ontológicas, isto é, psicossomáticas ou emocionais.

Palavras-chave: Freud. Heidegger. Psicanálise. Daseinsanalise. Daseinspsicanálise

1. Este trabalho consiste na Introdução de uma obra de maior fôlego, a qual retoma e desenvolve o conteúdo já publicado em SILVA, 2019 e em SILVA, 2020, dos quais alguns trechos, devidamente indicados, aparecem no texto em tela devido à reestruturação do referido conteúdo na obra em preparo.

2. Professor do Departamento de Filosofia (DEFIL) da *Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, UNICENTRO/PR*; psicanalista, docente, analista didata e supervisor, membro da *Sociedade Psicanalítica do Paraná, SPP*, e da *International Federation of Psychoanalytic Societies, IFPS*. E-mail: mmdsilva@yahoo.com.br

PLASTICITY OF PSYCHIC STRUCTURES AND DASEINPSYCHOANALYSIS

ABSTRACT: This work outlines the general features of the so-called Daseinspsychoanalysis and the plasticity of psychic structures. For this, it initially presents the concepts of plasticity of psychic structures and Daseinspsychoanalysis in its essential elements; as well as the notions of daseinsanalytic understanding of the human being and of empirically constructing experience. Finally, it shows the general lines of Daseinspsychoanalysis as a treatment that modifies psychic and ontological structures, that is, psychosomatic or emotional structures.

Keywords: Freud. Heidegger. Psychoanalysis. Daseinanalysis. Daseinspsychoanalysis

I. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Este trabalho esboça os traços gerais da assim chamada Daseinspsicanálise e da plasticidade das estruturas psíquicas. Para isso, apresenta inicialmente os conceitos de plasticidade das estruturas psíquicas e de Daseinspsicanálise em seus elementos essenciais, em relação à daseinsanálise; bem como as noções de *entendimento daseinsanalítico implícito* do ser humano e de *experiência empiricamente construtora*. Enfim, mostra as linhas gerais da Daseinspsicanálise como tratamento modificador de estruturas psíquicas e ontológicas, isto é, psicossomáticas ou emocionais.

A plasticidade das estruturas psíquicas é o campo de atuação privilegiado da Daseinspsicanálise, na medida em que, tanto de um ponto de vista ôntico, psicopatológico, quanto de um ponto de vista ontológico, psicossomático ou emocional³, se deixa apreender como o elemento central do fenômeno de mudança que ocorre nas camadas mais profundas do psiquismo humano desde inícios dos anos de 1970. Mudança já constatada por muitos sob a forma de uma desagregação

3. Tais pontos de vista referem-se aqui, respectivamente, às disciplinas da *Psicopatologia Psicanalítica* e da *Psicossomática Psicanalítica*. Essas disciplinas lidam, de maneira integrada, com os dados bio-históricos do indivíduo, naquilo que forma sua estrutura psíquica, seu inconsciente, ou, mais propriamente, o sujeito de seu inconsciente, em especial o vínculo com o pai ou a mãe, e naquilo em que esses dados, conforme Binswanger (1950/1970, p. 104), “são já a emanação de uma estrutura de ser-aí modificada”, assim como a fixação ou o reforço desta modificação. Isso implica, de um lado, um olhar para o passado, o acontecido, o que passou (das Gewesen), naquilo que ele informa ou permanece presente no indivíduo, e, de outro, um olhar para o próprio presente, o que é (das Wesen), o ser-aí deste sujeito determinado no tempo e no espaço, ou antes, como tempo e espaço, na medida em que não é senão este presente sua existência mesma.

das estruturas de personalidade, sobretudo a neurose e a psicose, mas também a perversão; quando emergem as estruturas de caráter, como as estruturas narcísicas, as *anestruturas* – por exemplo, a organização borderline –, conforme atestam primeiramente os estudos de Bergeret (1974/1988). Tal situação se verifica, a título de exemplo, nos *casos-limite* de Green (1990/2017) e na *psicose ordinária* de Miller (2008/2012), mas também na *perversão comum* de Lebrun (2008) e na *paranoia comum* de Julien (1997/1999), que implicam o abandono, em parte, da estrutura como base da clínica psicanalítica, a qual é pensada a partir de *conexões* e como clínica do sintoma (CORREIA, 2010; FORBES, 2012). Porém, antes disso, Binswanger e Boss já interditavam a neurose, a psicose e a perversão como estruturas psíquicas desde a rejeição da psique – separada do corpo – enquanto elemento essencial e fundante do ser humano, entendido como *Dasein*, logo, em sua singularidade constitutiva, para a determinação de seu sentido de ser. Fato similar ocorre na Esquizoanálise, de Deleuze e Guattari (1972/2011) – em resposta a certos usos de Lacan pelos lacanianos – então desenvolvida por Suely Rolnik (2006/2016), no quadro de uma clínica psicanalítica heterodoxa.

O fenômeno denominado desagregação das estruturas de personalidade implica, para as correntes acima aludidas, um tratamento completamente outro em relação à psicanálise freudiana. Essa, a título de exemplo, a conclusão prática de seguidores de Miller e de Soler, bem como de daseinsanalistas e esquizoanalistas de estrita observância, para os quais, em geral, a clínica do século XXI pouco teria a ver com os ensinamentos de Freud ou mesmo com os do chamado primeiro Lacan, para os quais valeriam as insígnias “freudianos contra Freud” (ROLNIK, 1998/2000, p. 455) ou “lacanianos contra Lacan”. Levada às últimas consequências, na diversidade de suas orientações, tal conclusão impede aquelas correntes de uma apreciação adequada do que aqui, até o momento, se designa ‘desagregação das estruturas psíquicas’; logo, por não se atinarem a observá-lo mais de perto, perdem de vista o cerne do que nele está em jogo. Disso resulta uma terapêutica sujeita a pontos cegos e áreas de surdez, em razão de não assumir aquilo em que, para Freud (1914/2012, p. 257ss; 1912/2010), se fundavam o ponto de partida e a técnica da psicanálise, isto é, a *práxis psicanalítica*, a saber, os fatos da transferência e da resistência, bem como a coincidência da pesquisa e do tratamento psicanalíticos consoante as regras da livre incidência, da atenção igualmente suspensa e da abstenção. Quando também deixam de lado os pilares da *teoria psicanalítica*: a suposição de que há processos mentais inconscientes; o reconhecimento da teoria da resistência e da repressão; a consideração da sexualidade e do complexo de Édipo como os principais eixos da psicanálise e os fundamentos de sua teoria (FREUD, 1923/2011, p. 292). A tais fatos, regras e pilares se acrescenta aqui o que ora se designa *estrutura*, entendido a partir de Lacan (1960/1998, p. 649/655) e de

Heidegger (1927/2012, p. 12-13/61) enquanto “articulação de sentido como tal” ou algo dinâmico; logo, passível de construção e desconstrução.

Nesse contexto, a Daseinspsicanálise se reivindica uma direção específica, teórica e prática da Psicanálise, assumida e desenvolvida como um *tratamento modificador das estruturas psíquicas*, em suas tríplice determinação, tomadas a um tempo como as formas nas quais o corpo – a um tempo físico, vivente e erógeno – se dá a conhecer e, portanto, como estruturas ônticas extensíveis às estruturas somáticas, que nelas se informam. Quando a Daseinspsicanálise se amplia e se dá a forma de um *tratamento modificador das estruturas psicossomáticas*, pensáveis como tais *in concreto* e então passíveis de determinação teórica ou formal; tomadas igualmente como estruturas ontológicas ou emocionais do ser-aí humano em sua integralidade, por sua vez passíveis de determinação prática ou real, as quais, porque pensantes, detêm o primado sobre as estruturas pura e simplesmente psíquicas. Caso em que a Daseinspsicanálise reconhece como seu ponto de partida o fato da transferência e, com isso, o da resistência; logo, também o da contratransferência e o da contrarresistência.

II. A PLASTICIDADE DAS ESTRUTURAS PSÍQUICAS

Urge levar em consideração o fenômeno clínico ora designado *plasticidade das estruturas psíquicas* e sua respectiva *Análítica*, a *Daseinspsicanálise*, entendida como uma *ciência* e um *tratamento modificador de estruturas ônticas e ontológicas*, em especial as estruturas psíquicas e as estruturas do *Dasein*. Tal plasticidade consiste no fato de que as estruturas se mostram, antes de tudo, objeto de escolha (inconsciente) pelo indivíduo em sua existência concreta (SILVA, 2020); situação em que uma se põe como o negativo de outra, em um circuito que, porém, permanece aberto e, com isso, favorece o surgimento de mais e mais estruturas, bem como a passagem, em princípio possível, de uma a outra. Porque necessariamente ônticas, as estruturas psíquicas se apresentam como determinações formais sobrepostas às estruturas ontológicas, do *Dasein*, tomadas como determinações reais e, assim, primárias em relação àquelas.

Em razão da referida plasticidade, tanto as estruturas psíquicas quanto as estruturas do *Dasein* podem resultar malsucedidas ou malogradas; pois dependem fundamentalmente do modo como o indivíduo, em sua singularidade constitutiva, irá decidir, em cada momento, acerca de suas experiências ontológicas emocionais e de como irá interpretá-las ao longo de sua existência. Acrescente-se a isso o fato de as estruturas psíquicas serem sobrepostas às estruturas do *Dasein* e, portanto, não serem necessárias para que este se aproprie ao ser, mas antes se constituem como um empecilho a essa tarefa por se constituírem precisamente como mecanismos de

defesa do sujeito em relação ao mundo circundante, logo ao Outro e ao desejo do Outro, fazendo com que aquele, na maioria das vezes, refugie-se numa interioridade por ele erigida a título de fortaleza impenetrável, inclusive por ele mesmo enquanto Eu. Desse modo, a tarefa de uma psicanálise concebida como ciência e como tratamento modificador de estruturas está menos em construir ou reconstruir e mais em desconstruir estruturas, em especial estruturas psíquicas patológicas e estruturas do *Dasein* malogradas.

A plasticidade das estruturas psíquicas distingue-se da neuroplasticidade, ou da chamada plasticidade neuronal, conhecida desde Freud, bem como daquilo que este designou *plasticidade da libido* (SILVA, 2020, p. 26ss). Ela informa o modo pelo qual estas possibilitam às estruturas psíquicas, resultantes da necessidade e da demanda pulsionais, liberar ou recalcar – entre outros mecanismos de defesa – o desejo em cada caso em questão e, assim, constitui a própria modificação de tais estruturas. De um lado, tal processo se mostra limitado em função da maior ou menor plasticidade neural (físico-química) e mesmo cerebral (espacial) ou psíquica (temporal) do indivíduo; de outro, se mostra em sua ilimitação, em razão da intemporalidade da libido e da plasticidade desta. Enquanto a plasticidade da libido, juntamente com a neuroplasticidade, funda a mutabilidade do Eu (Ich) e do Além-Eu (Überich), logo o caráter temporal destes, assim como o do pré-consciente e o do consciente, a plasticidade das estruturas psíquicas se funda na imutabilidade do Isso (Es), portanto, em seu caráter intemporal, bem como no do inconsciente. Este, igualmente fundante do caráter próprio das estruturas psíquicas, a saber, enquanto: articulações de sentido (velado ou inconsciente), cujas realidades fenomênicas (sintomáticas) constituem as estruturas de personalidade (SILVA, 2020, p. 22ss).

Assim, para além e aquém dos registros psíquicos determinados como o Real, o Simbólico e o Imaginário, os quais se limitam e se delimitam entre si, emerge uma estrutura completamente outra que se identifica com o próprio Real ora igualmente desnudado, a saber, a estrutura do ser ao qual o ser-aí humano se apropria porquanto se libera dos nós que o constituem como sujeito psíquico determinado, mas que, em o determinando, também o aprisionam nas estruturas psíquicas fixadas a título de defesa do Eu frente às inconstâncias do Si mesmo, do outro e do Outro. Não se trata, porém, de uma eliminação das estruturas psíquicas enquanto tais e sim de sua apropriação ao ser, nesse caso, à estrutura do ser, tal como e na medida em que a apropriação acima referida – do ser-aí humano ao ser – não é senão o apropriar-se mútuo de suas respectivas estruturas. Caso em que, no tangente ao ser-aí humano ou, mais propriamente, ao ser-aí do ser humano, as estruturas fundamentais se mostram, em rigor, a do ser-no-mundo, a do ser-com e a do entendimento-de-ser, as quais necessitam, para o cumprimento de sua função apropriada, precisamente as estruturas psíquicas emersas nos respectivos registros do Imaginário, do Simbólico e do Real. Isso significa que, na origem, as estruturas

psíquicas são umas e as mesmas que as estruturas do ser; o que as distingue não é mais que sua inscrição originária em uma das possibilidades de ser do ser-aí; em suma, uma existência bem-lograda, que resulta do ser próprio, e uma existência malograda, resultante do ser impróprio. Quando as estruturas psíquicas constituem os modos adequados ou inadequados de ambas as formas de existência.

Disso se depreende que as estruturas psíquicas – e com elas as somáticas e as da libido, mais precisamente, as psicossomáticas – podem ser desconstruídas. Caso em que são – ou podem ser – igualmente reconstruídas, conforme seu núcleo de base – isto é, sua estrutura nuclear – ou cederem lugar às estruturas do ser-aí, enquanto especificamente ontológicas ou emocionais, existencialmente concretas (SILVA, 2020, p. 31ss). Estas se constituem como as estruturas do ser-no-mundo e do ser-com-os-outros-no-mundo, assim como a do próprio ser-aí, ou antes, a do ser-aí próprio; donde o emergir das estruturas do ser-um-no-mundo e do ser-um-com-os-outros-no-mundo. Quando se impõe, para o indivíduo, as duas possibilidades fundamentais de ser que lhes são abertas, respectivamente o ser impróprio e o ser próprio. Eis aí as camadas do psiquismo e do psicossoma humanos em que se move a Daseinspsicanálise.

III. O QUE É DASEINSPSICANÁLISE?

O termo *daseinspsicanálise* é um neologismo criado pelo autor em fins de 2018 – para denominar o que desenvolvia e compreendia até então sob a expressão “psicanálise orientada à daseinsanálise” (SILVA, 2019, p. 79ss). O termo e a expressão se mostram fiéis ao que Medard Boss (1980, p. 75ss) considerava a harmonia da práxis psicanalítica – em sua efetividade imediata, isto é, no *setting* analítico –, e do entendimento daseinsanalítico do ser humano, uma harmonia fundada no reconhecimento de que o entendimento concreto do ser humano, que se mostra imediatamente na psicanálise em seu início – em primeira linha, a psicanálise freudiana –, é o mesmo explicitado a partir de 1927, por Heidegger. Caso em que o entendimento concreto se distingue do entendimento daseinsanalítico explícito (BOSS, 1980, p. 88ss) tão somente porque – concreto e imediato – se mostra um entendimento daseinsanalítico implícito; ao passo em que o explícito, porque abstrato e mediatizado pela Ontologia, resulta de uma explicitação teórica.

Tal processo pode ser mais bem compreendido mediante as espirais de um movimento de pensamento que vai de Freud a Heidegger e volta a Freud, enquanto constituição da clínica daseinspsicanalítica, a qual leva às consequências últimas certas posições de Binswanger, Boss e Holzhey-Kunz quanto à passagem da Psicanálise à Daseinsanálise e ao retorno desta àquela. As posições de Binswanger constituem a primeira espiral: a concepção da Daseinsanálise enquanto “uma

psicanálise sob pontos de vista daseinsanalíticos” (BINSWANGER, 1950/1970, p. 103-104); a tese segundo a qual “o procedimento da interpretação psicanalítica e toda a doutrina do inconsciente não se fundam somente na especulação científica, mas também e primeiramente na experiência” (BINSWANGER, 1957/1970, p. 246), na *experiência empiricamente construtora*; enfim, a tese de que “uma psicanálise sob pontos de vista daseinsanalíticos” não concebe os dados bio-históricos do indivíduo, tal como um vínculo muito forte com o pai ou com a mãe, como algo de último, mas tenta mostrar como, “de uma parte, tais dados ou tais fatos são já a emanção de uma estrutura de ser-aí modificada e, de outra parte, como eles fixam ou reforçam esta modificação” (BINSWANGER, 1950/1970, p. 104). A segunda espiral consiste na posição de Boss (1957/1980, p. 75ss), para quem há uma harmonia da práxis psicanalítica – em sua efetividade imediata – e do entendimento daseinsanalítico do ser humano, uma harmonia fundada no reconhecimento de que o entendimento concreto do ser humano, que se mostra imediatamente na psicanálise freudiana, é o mesmo explicitado filosoficamente, em *Ser e tempo*, por Heidegger (1927/2012). Disso se depreende a distinção tácita de Boss (1957/1980, p. 88ss) entre um entendimento daseinsanalítico *implícito* e outro *explícito* do homem, distinção fundada na tese do influxo do entendimento daseinsanalítico explícito – portanto filosófico – na práxis e na teoria psicanalíticas, a saber, no entendimento daseinsanalítico *implícito*. Uma terceira espiral contempla as posições de Holzhey-Kunz (2014/2018, p. 166; p. 227ss; p. 229ss), respectivamente: (1) a Daseinsanálise é “um ramo da psicanálise”; (2) o diálogo filosófico – por definição, intersubjetivo – com intuito terapêutico não pode ter nenhum efeito de cura, “porque fere justamente a diferença fundamental entre experiências ontológicas emocionais e compreensão de ser”; (3) somente a forma psicanalítica do diálogo é adequada para levar a termo a cura e, como procedimento, fazer emergir experiências ontológicas emocionais distintas da compreensão de ser, do entendimento daseinsanalítico explícito. Esse o movimento de pensamento de Freud a Heidegger e de volta que – em Binswanger, Boss e Holzhey-Kunz – permanece implícito, sem implicar-se a si mesmo enquanto um fazer especificamente psicanalítico.

Tornar explícito a si mesmo tal movimento de pensamento, a ponto deste implicar-se naquele, como seu automovimento, eis a exigência da clínica fundada no entendimento concreto e imediato do ser humano. Donde a Daseinspsicanálise impor-se a tarefa da estruturação da psique individual ou da modificação de sua estrutura determinada mediante o *desejo de ser* do analisante, enquanto ser-aí humano que se abre ao seu ser próprio. Nessa medida, ela identifica, modifica e molda sua estrutura psíquica de modo que o analisante não apenas ressignifique ou reinvente seus sintomas, ou ainda sua lida com o próprio ser, mas também e principalmente seu próprio ser, fazendo-o passar de impróprio a próprio. Este, por seu turno, implica a escolha de tal ou tal estrutura, de modo que, embora

imediatamente inconsciente, ela se torne mediatamente consciente, podendo, pois, – uma vez consciente – ser modificada conforme o desejo acima referido, desde que este venha à tona e se faça consciente. O fazer-se consciente em questão e o sujeito acima referido não são atos da consciência dos modernos, nem o sujeito moderno e contemporâneo. Sujeito é aqui o doador de uma posição subjetiva que, como tal, se dá a si mesmo, enquanto Si mesmo, o papel de sujeito, quer dizer, de suporte ou *hypokeímenon* de afetos (conteúdos) e representações (formas) (SILVA, 2020, p. 98-99); os quais, porque inseparáveis, consistem em *imagens* constituídas de pensamentos que nelas se pensam, quando se dão e se mostram ao Si mesmo como a atividade dele próprio. Um fazer-se consciente que, por sua vez, não é senão abrir-se ao saber-com, àquilo que os antigos designavam *syneidesis* (SILVA, 2018), e assim, tal como intuído por Binswanger (1935/2019, p. 46-47), ao saber-se ser-um-com-os-outros no mundo.

Em vista disso, uma diferenciação importante entre a Daseinspsicanálise e a daseinsanálise se faz notar (SILVA, 2019, p. 83ss). A Daseinspsicanálise consiste no tratamento das estruturas em sua dimensão patológica, de modo a modificá-las no concernente ao que nelas há de perturbador ou patológico, assim como reconvertê-las, enquanto estruturas de base, ao pano de fundo a partir do qual o sujeito se afirma como tal. A daseinsanálise, por seu turno, não trata das estruturas como tais, mas tão só de perturbações que, embora tomadas como “estruturais” ou afetivas, ao nível da personalidade, se mostram mais propriamente como perturbações do ser próprio de cada ser-aí humano em cada caso em questão, no que diz respeito ao seu ser-no-mundo ou à sua posição no mundo como sujeito. Assim, a daseinsanálise reduz o sofrimento psíquico ao sofrimento com o próprio ser; limita-se, pois, a investigar a estrutura do ser-aí em geral em cada e com cada ser-aí singular no intuito de que este se posicione em relação a si mesmo ou se abra ao ser próprio e, então, a ele se aproprie. Essa tarefa, no entanto, só pode lograr êxito se, além da pressuposição de uma psique, ou de um sujeito, se pressuponha o trabalho de estruturação dessa psique e o domínio de si do sujeito porquanto só assim é que o ser-aí pode, de fato e de direito, apropriar-se de seu ser. Isso, para lembrar-nos de Heidegger, na Nota prévia à sétima edição (1953) de *Ser e tempo* (1927), acerca de que o caminho dessa obra “permanece ainda hoje [1953] um caminho também necessário, se é que a pergunta pelo ser deve motivar nosso Dasein” (2012, nota prévia..., p. 17). Algo que só a Daseinspsicanálise tem levado em conta no tocante à distinção necessária entre o ser, o *Dasein* e aqueles que possuem *Dasein*, os seres humanos propriamente ditos.

Assim, a *Daseinspsicanálise* se compreende sob a concepção de “uma psicanálise orientada sob pontos de vista daseinsanalíticos”, tal como proposta por Binswanger e Holzhey-Kunz. Todavia, à diferença das concepções de Binswanger e de Holzhey-Kunz, a *Daseinspsicanálise* se põe como uma *psicanálise do ser-aí*,

mais especificamente do ser-aí ou da essência do ser humano tomado em sua individualidade ou em sua singularidade concreta. Essa a razão pela qual ela se reivindica a *psicanálise em seu início* e não apenas um ramo da psicanálise ou uma psicanálise sob pontos de vista daseinsanalíticos. Assim, ela assume como ponto de partida os fatos da transferência e da resistência (FREUD, 1914/2012, p. 257-259), bem como certa modificação da Analítica do Dasein e de seu exercício por Heidegger (1927/2012, p 17).

IV. ENTENDIMENTO DASEINSANALÍTICO IMPLÍCITO E EXPERIÊNCIA CONSTRUTORA

O entendimento daseinsanalítico implícito do ser-aí humano, para além da “diferença fundamental entre experiências ontológicas emocionais e compreensão de ser” (HOLZHEY-KUNZ, 2014/2018, p. 227ss), consiste no entendimento-de-ser de cada um acerca de si mesmo e resulta da prática clínica da psicanálise. Desse modo, pode-se afirmar a existência de uma estrutura ontológica, no singular, à distinção das estruturas ontológicas (no plural) e da assim chamada estrutura fundamental do *Dasein*, o ser-no-mundo (SILVA, 2019, p. 80ss). A estrutura ontológica do Dasein ora referida se mostra análoga às estruturas psíquicas como tais – a saber, a neurose, a psicose e a perversão entre outras –, na medida em que, nestas, aquela se determina de certa maneira, isto é, de-limita-se a si mesma como um modo de-terminado pelo qual cada ser humano enquanto ser humano se mostra capaz de lidar com o seu próprio ser enquanto aí. Caso em que se faz necessário distinguir entre a estrutura ontológica propriamente dita – o ser-aí – e a estrutura fundamental do *Dasein*, isto é, do ser-aí; isso porque, para ser-no-mundo, o ser-aí tem que de-cidir entre dois modos igualmente possíveis, mas diametralmente opostos e, contudo, necessariamente entrelaçados: ser-para-os-outros e ser-um-com-os-outros no mundo. O que não elimina o modo não escolhido, mas o coloca como o limite do próprio ser daquele que levou a termo a de-cisão em questão.

Neste sentido, o entendimento daseinsanalítico implícito do ser-aí humano se funda na *experiência empiricamente construtora* do sujeito, da qual resultam, em rigor, as teorias do inconsciente e das pulsões. Essa a experiência que se edifica a partir da *plasticidade das estruturas psíquicas* e, assim, permite à psicanálise construir-se, a um só tempo, como procedimento de investigação científica, técnica terapêutica e ciência empírica propriamente dita (FREUD, 1923/2018, p. 274ss). Tal experiência foi explicitada por Binswanger (1957/1970, p. 243ss) no âmbito da distinção do inconsciente como *fenômeno* e do inconsciente como *sistema*, no quadro referencial de um confronto da posição de Freud e da neuropatologia de Wernicke, em torno

do psíquico e sua relação com o somático. Isso, de modo a explicitar o procedimento freudiano em torno da interpretação psicanalítica, no concernente ao problema da despersonalização e da repersonalização ou, em outros termos, da edificação e da decomposição da pessoa.

Binswanger capta adequadamente o que Freud (1923/2018, p. 274) designa o “procedimento de investigação dos processos psíquicos que de outro modo são dificilmente acessíveis”, isto é, a psicanálise ela mesma, como tal procedimento, e seu campo de investigação: os processos psíquicos inconscientes. De modo mais rigoroso, tal procedimento não é senão a interpretação dos processos aludidos, a qual se mostra para além de toda interpretação abstrata (filosófica ou especulativa), quando, portanto, se funda na experiência especificamente psicanalítica, que, em Freud, conforme Binswanger (1926/1970, p. 157ss), se relaciona de maneira intrínseca com o compreender (*deuten*) e o interpretar (*auslegen*). Sobre esses dois termos, geralmente traduzidos, em português, por “interpretar”, vale a pena transcrever a nota de Marco Antônio Casanova na edição brasileira do texto em questão:

[...] Em português, tanto o verbo “deuten” quanto o verbo “auslegen” são normalmente traduzidos por “interpretar”. O primeiro, contudo, diz respeito a uma interpretação marcada pela inserção de sentidos no que precisa ser interpretado, enquanto o segundo termo diz antes respeito à retirada do significado do próprio elemento a ser interpretado. “Auslegen” significa literalmente ex-por (aus-legen). Assim, em relação aos sonhos, por exemplo, não faz sentido falar em algo assim como uma *Traumsauslegung* (exegese do sonho), pois o sonho não possui significados imanentes a ele, mas apenas em *Traumdeutung* (inserção interpretativa de sentido no sonho). [...] (CASANOVA, apud BINSWANGER, 1926/2013, p. 46, nota).

Essa distinção nos permite compreender mais adequadamente o sentido da expressão “experiência *empiricamente* construtora”, que concerne, antes de tudo, aos elementos essenciais da *práxis* psicanalítica propriamente dita. Caso em que, nessa experiência, os elementos da compreensão e os da interpretação, isto é, da *inserção interpretativa de sentido* e da *exegese*, em rigor, da *exclusão igualmente interpretativa de significado do próprio elemento a ser interpretado*, se apresentam como os dois lados de um e mesmo procedimento investigativo que cumpre, assim, a um tempo, tanto uma função prática, isto é, terapêutica ou clínica, e uma função teórica ou científica. Em vista disso, embora tal experiência contenha igualmente elementos da percepção direta, ou seja, dos fenômenos psíquicos conhecidos via experiência ordinária (BINSWANGER, 1926/1970, p. 165-166), ela se distingue por completo desta. Seus elementos só vêm à luz e se deixam acessar de modo indireto, nas aspirações, intenções ou tendências *supostas*, por exemplo, nos atos falhos, mas também nos *atos casuais* ou *sintomáticos*, cujo sentido – “significado, intenção, tendência e posicionamento numa série de nexos psíquicos” – se mostra velado ao sujeito, sob o “caráter de algo imotivado, insignificante, desimportante, e mais

claramente do que isso, de algo supérfluo” (FREUD, 1916/2014, p. 80; p. 81). Neste sentido, a técnica da psicanálise, que é essencialmente prática, consiste na *inserção interpretativa de sentido* no que se mostra “imotivado, insignificante, desimportante e supérfluo” para o sujeito, de modo que, via *insights* resultantes dessa *inserção interpretativa de sentido* (BINSWANGER, 1926/1970, p. 166ss), ele assuma sua condição de sujeito e se descubra como tal. Isso ocorre na medida em que, em cada pessoa, o procedimento investigativo dos processos psíquicos inconscientes, por meio da *inserção interpretativa de sentido* é vivenciado de maneira plena, *pari passu* com a *exclusão*, prática, mas *igualmente interpretativa de significado do próprio elemento a ser interpretado*, isto é, com a remoção do sintoma ou do trauma em questão. A vivência referida não é senão a lida pulsional do sujeito consigo mesmo ou, antes disso, com o corpo vivente, com as pulsões, necessidades e demandas que se inscrevem na ordem do desejo e, assim, podem ser realizadas ou não, reprimidas ou não, e assim por diante. Disso resulta que os elementos teóricos ou racionais da *inserção interpretativa de sentido* e da *exegese* se dão a conhecer e a constituir um todo ordenado, sistematicamente elaborado.

Trata-se, nesse caso, da elaboração da psicanálise enquanto ciência. De um lado, a partir do material empírico apresentado à análise pelos mais diversos analisantes ou, conforme Binswanger (1926/1970, p. 166-167), “segundo temas ou conexões de sentido racionais”. De outro, com vistas ao material heurístico especificamente psicanalítico, isto é, aos *insights* aos quais o analisante chega via associações livres, ou, em rigor, por meio de *livres incidências* (*freie Einfälle*). Também no concernente à apresentação da sistematização científica de Freud, é interessante notar o cuidado de Binswanger (1957/1970, p. 248) na exposição do aparelho psíquico, das pulsões e, em especial, do inconsciente no quadro da experiência construtora. Disso se depreende que esta é uma característica do inconsciente mesmo, entendido como fenômeno, aliás, como o Isso (das Es), um fenômeno no qual é a própria pulsão que, como síntese do *soma* e da *psique*, como o psiquismo do corpo ou, em rigor, como corpo vivente, se articula de modo a instituir, na interpretação de Binswanger, nas palavras de Roger Lewinter (1970, p. 40), “um corpocentrismo em que os diferentes campos da realidade e da atividade indicam, a cada vez, em seu nível específico, o desejo do corpo em seus diferentes modos de apreensão e de realização”. Assim, continua Lewinter (1970, p. 40-41),

[...]. O corpo se torna a realidade ausente do mundo, se constituindo pelos projetos de mundo, que se definem como tantas quantas representações dessa mesma ausência. O conceito de pulsão conduz ao conceito de atualização da ipseidade na e pela alteridade, ao símbolo. [...].

Nesse processo, porém, não só tais projetos podem malograr, mas também a condução da pulsão ao símbolo pode ser interrompida ou deformar-se de maneira

irremediável. Trata-se aqui das diversas defesas desenvolvidas pelo Eu contra as pulsões, as quais interrompem o movimento desta, assim como a mobilidade da libido; quando, ao invés de se atualizar na e pela alteridade, a referida ipseidade termina por nesta se perder ou nela encravar-se⁴. Em vista disso, na medida em que essa alteridade não é senão a dos processos pulsionais, logo, dos processos psicossomáticos inconscientes, o encravamento em questão consiste, em rigor, na interrupção da passagem ou da condução da pulsão à sua simbolização e, por conseguinte, no rompimento da experiência empiricamente construtora⁵. Assim, o encravamento se mostra uma formação específica do inconsciente, quando, como uma defesa diante do perigo iminente, o Eu revive, sem simbolizar, os traumas somáticos outrora vivenciados e ainda determinantes do sofrimento psíquico atual.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Daseinspsicanálise não confunde homem e *Dasein*, nem concebe aquele apenas como (sendo) este (SILVA, 2019, p. 87ss). Mas, a partir das tematizações do próprio Heidegger (1946/2008; 1957/2006), retoma a problemática da Analítica do *Dasein* no quadro da concepção de homem enquanto pastor do ser e, portanto, como aquele que possui um *Dasein*, em rigor, uma estrutura nela mesma bipartida, na qual é dada ao homem (sendo-aí) a primazia de decidir sobre o modo de seu comum-pertencimento ao ser. Disso se depreende que não há tão somente diferença ontológica (de ser e ente), mas também comum-*pertencer* (em rigor, identidade ontológica) de homem (que é um ente) e ser. Donde o homem, de um lado, comum-*pertencer* e assim apropriar-se ao ser, mas, de outro, limitar-se ao *pertencer-comum* e então impropriar-se a ele.

4. Sobre a noção de encravamento e de inconsciente encravado, veja-se LAPLANCHE, 2018, p. 196-197.

5. Sobre este ponto, seria interessante observar o uso que o próprio Binswanger (1956/1977, p. 11; p. 15ss), antes da explicitação da experiência em Freud, em *Meu caminho para Freud* (1957), faz do termo *Er-fahrung* (*ex-periência*), quando, para falar da *extravagância* como “a desproporção entre a ‘amplidão da ex-periência’ e a ‘elevação da problemática’ da existência humana”, ele grafa ‘*Er-fahrung*’, com hífen. Na nota (p.11, nota 4) do tradutor, este explicita: “ao separar desse modo a palavra alemã correspondente à nossa ‘experiência’, Binswanger chama a atenção para a sua derivação do verbo ‘*fahren*’, que significa ‘andar’ ou ‘viajar em um veículo’. Segundo os dicionários, o verbo ‘*erfahren*’ (fazer a experiência de) significa etimologicamente: ‘atravessar (um país, uma região), reconhecer, encontrar, conhecer’”. O que, no contexto da obra citada, assim como no nosso próprio contexto, o termo implica atravessar a própria existência; logo, “à travessia e tomada de posse do ‘mundo’, ao ‘alargamento do horizonte’, ao alargamento do discernimento, da visão de conjunto e da circunvisão organizadora dos meios (*Einsicht, Übersicht und Umsicht*) com relação ao ‘burburinho’ exterior e interior” (BINSWANGER, 1956/1977, p. 17). Isso, enfim, para o homem, no sentido de “apropriar-se de tudo o que ‘experimentou’”, de “apropriar-se do mundo no sentido de vir-a-ser e realizar-se a si mesmo”, portanto, de “decidir-se” (*ibid.*), algo muito próximo do que ele mesmo descreve como a experiência empiricamente construtora de Freud.

Como tratamento *modificador de estruturas*, a Daseinspsicanálise intervém nos mais diversos modos de ser e pensar, nos quais as chamadas *estruturas* se conformam (SILVA, 2019, p. 80ss). Porquanto estas podem ser tanto ônticas quanto ontológicas, ou ôntico-ontológicas, e porque esse tratamento não se funda em algo meramente teórico-abstrato, mas em um procedimento empírico-construtor, e neste sentido, prático-concreto, a modificação de tais estruturas se dá conforme a apropriação ao ser em cada ser-aí em sua lida com o seu próprio si, que então se mostra sendo-aí, a um tempo, como *ser* e como *posição* do Si mesmo no mundo. Este não é senão a relação dos diversos modos de ser possíveis e da posição concreta em que, em dada situação, cada Si mesmo se encontra; ser e posição, enquanto tais, compatíveis com certo entendimento-de-ser ao qual cada ser-aí pode aceder acerca de si. O que permite não só o acesso ao entendimento-de-ser dos indivíduos neuróticos, psicóticos ou perversos, mas também ao daqueles que negam as estruturas clínicas em sua lida consigo mesmos. Assim, à medida que se apropriam de seu ser próprio, negam igualmente estruturas ou organizações-limite em maior ou menor grau de incidência.

Porquanto o ser humano possui um *Dasein*, uma estrutura nela mesma bipartida, na qual é dada ao homem (sendo-aí) a primazia de decidir sobre seu comum-pertencimento ao ser, este pertencimento só se dá, em cada caso, pela *experiência empiricamente construtora* de cada um. Desse modo, apropriar-se de seu próprio ser, em sentido daseinspsicanalítico, não é senão o fato existencial de cada ser humano, para além de motivar seu Dasein mediante a pergunta pelo sentido de ser (HEIDEGGER, 1927/2012, nota prévia..., p. 17), assumir para si, em seu ser-aí, em sua experiência empiricamente construtora, o preenchimento de suas experiências ontológicas emocionais naquilo que nelas é vazio de sentido imanente. Enfim, modificar suas estruturas psicossomáticas, *in concreto*, de modo a determiná-las ontológica ou emocionalmente no âmbito de seu desejo de ser-com os outros no mundo, a saber, de seu desejo pela vida como relação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGERET, J. (1974) *Personalidade normal e patológica*. Tradução de Alceu E. Fillmann. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BINSWANGER, L. (1935) Sobre psicoterapia (Possibilidade e factualidade do efeito psicoterapêutico). In BINSWANGER, L. *Psicoterapia e análise existencial*. Tradução de Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

BINSWANGER, L. (1926; 1957) *Experiência, compreensão e interpretação na psicanálise; Meu caminho para Freud*. In BINSWANGER, L. *Sonho e existência*. Tradução de Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.

BINSWANGER, L. (1955) *Três formas da existência malograda*. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BINSWANGER, L. (1950; 1957) *Analytique existentielle et psychiatrie; Mon chemin vers Freud*. In BINSWANGER, L. *Analyse existentielle et psychanalyse freudienne. Discours, parcours et Freud*. Traduction et avant-propos de Roger Lewinter. Préface de Pierre Fédida. Paris: Gallimard, 1970.

BOSS, M. (1957) *Psychoanalyse und Daseinsanalytik*, München: Kindler, 1980.

CORREIA, T. M. (2010) Casos raros: as psicoses ordinárias na clínica do delírio generalizado. *Opção lacaniana online*, Ano 1, n. 3, nov., 1-12.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1972) *O Anti-Édipo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

FORBES, J. *Inconsciente e Responsabilidade: psicanálise no século XXI*. Barueri/SP: Manole, 2012.

FREUD, S. (1916) Os atos falhos (conclusão). FREUD, S. *Obras completas, vol. 13: Conferências introdutórias à psicanálise [1916-1917]*. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. (1914) Contribuição à história do movimento psicanalítico. In FREUD, S. *Obras completas, vol. 11: Totem e tabu; Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos [1912-1914]*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. (1923) Psicanálise e teoria da libido. In FREUD, S. *Obras completas, vol. 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos [1920-1923]*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1912) Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. FREUD, S. *Obras completas, vol. 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia [“O caso Schreber”], Artigos sobre técnica e outros textos [1911-1913]*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GREEN, A. (1990) *A loucura privada. Psicanálise de casos-limite*. Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Escuta, 2017.

HEIDEGGER, M. (1927) *Ser e tempo*. Edição em alemão e português. Tradução e organização de Fausto Castilho. Campinas/SP: Editora da Unicamp; Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, M. (1946) Carta sobre o humanismo. In HEIDEGGER, M. *Marcas do caminho*. Trad. Enio P. Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, M. (1957) Der Satz der Identität. In HEIDEGGER, M. *Identität und Differenz*, Gesamtausgabe 11. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2006.

HOLZHEY-KUNZ, A. (2014) *Daseinsanálise: O olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

JULIEN, Philippe. (1997) *As psicoses. Um estudo sobre a paranoia comum*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1999.

LACAN, J. (1958) Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”. In _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LAPLANCHE, J. *Sexual. A sexualidade ampliada no sentido freudiano – 2000-2006*. Tradução de Vanise Dresch Marcelo Marques. Porto Alegre/São Paulo: Dublinense, 2018.

LEBRUN, J.-P. (2008) *A perversão comum*. Tradução de Procópio abreu. Rio de Janeiro: Campo Matêmico.

LEWINTER, R. (1970) Avant-propos du traducteur. In BINSWANGER, L. (1970) *Analyse existentielle et psychanalyse freudienne. Discours, parcours et Freud*. Traduction et avant-propos de Roger Lewinter. Préface de Pierre Fédida. Paris: Gallimard.

MILLER, J.-L. (2008) Efeito de retorno sobre a psicose ordinária. In BATISTA, M. C. D.; LAIA, S. *A psicose ordinária: a convenção de Antibes*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

ROLNIK, S. (1998) Esquizoanálise e antropofagia. In ALLIEZ, E. *Gilles Deleuze: Uma vida filosófica*. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

ROLNIK, S. (2006) *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

SILVA, M. M. da. (2020) Sobre a plasticidade das estruturas psíquicas. Bases da investigação e do tratamento clínicos em Daseinspsicanálise. SILVA, M. M. da; SANTOS, R. dos (Orgs.) (2020) Da consciência ao Inconsciente. Fenomenologias da experiência de si. Curitiba: CRV.

SILVA, M. M. da. (2019) De Freud a Heidegger e de volta: O nascimento de uma clínica daseinspsicanalítica. *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, 4, v. 1, p. 78-104.

SILVA, M. M. da. (2018) Syneidesis, para além da fragmentação do espírito: uma introdução à teoria do abrangente e do pensar em imagens. *Trans/Form/Ação*, Marília, 41, n. spe, p. 13-30.